

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e Secretaria Municipal de Cultura apresentam

REVISTA MEMÓRIA **LGBT**

www.memorialgbt.com

Revista Memória LGBT - Ed. 7 - Ano 3 - abr / mai 2015



Distribuição gratuita

SER

GAYS

NA

FAVELA

E mais: O Diabo de Mário de Andrade, Clovis Bornay, Stonewall e o Seminário Museus, Memória e Museologia LGBT.

Projeto patrocinado pela Secretaria Municipal de Cultura, sendo contemplado no II Programa de Fomento à Cultura Carioca

Editorial

A Revista Memória LGBT em sua oitava edição homenageia a memória de Gays residentes em favelas e periferias. Neste periódico, construído coletivamente e protagonizado por gays das comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo, objetiva-se visibilizar a comunidade G que não está no asfalto. Segue-se, com isso, a série de exposições em revista, “Ser LGBT na Favela”, em comemoração aos 450 anos de aniversário da cidade do Rio de Janeiro.

Na exposição “Ser Gay na Favela”, apresentamos memórias captadas por entrevistas realizadas por jovens gays e negros integrantes do projeto. Em cada pergunta e resposta, aprendemos um pouco mais sobre esta juventude, seus anseios e demandas, para assegurar seu lugar ao sol em uma sociedade homofóbica, cada qual contribuindo ao seu modo para o desmantelamento do sistema de preconceito ao que estão submetidos.

A edição conta também com duas análises biográficas, uma primeira sobre Mário de Andrade e as polêmicas recentes surgidas sobre sua sexualidade, avaliando as implicações de tal informação para construção da memória LGBT no Brasil, seguido de um texto de Mário Chagas sobre Clóvis Bornay, que gentilmente tem colaborado com o projeto desta revista. Lembramos também que há quase meio século correu um conjunto de episódios de confronto de LGBT e a polícia de Nova York, um marco que ficou conhecido como Stonewall, conforme aponta Guilherme Kern Assumpção e Henrique Caproni. Ao fim, uma notícia sobre as realizações do Seminário Memória, Museus e Museologia LGBT, primeiro evento do gênero do Brasil realizado pela equipe do Museu de Favela, Revista Memória LGBT e outros parceiros.

A iniciativa Memória LGBT no MUF está sendo desenvolvida por meio da parceria entre Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo MUF e a Revista Memória LGBT RMLGBT em comemoração aos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro. A proposta foi contemplada no II Programa de Fomento à Cultura Carioca e patrocinada pela Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro, compõem-se de rodas de memórias, oficinas, formações, exposições, publicações da Revista Memória LGBT, apresentações artísticas e Mapeamento e Inventário do Patrimônio Cultural LGBT na Favela. O objetivo é assegurar um diálogo com a comunidade sobre os desafios enfrentados por LGBT na contemporaneidade.

As atividades do Projeto Memória LGBT no MUF vem sendo desenvolvidas desde março de 2015. Trata-se de ações prômemória, garantido o acesso, fruição e democratização da memória, cultura, educação e saúde, bem como, a cidadania plena a lésbicas, gays, transexuais e travestis, além de ser uma possível ferramenta para superar a homolesbotransfobia na favela e na cidade do Rio de Janeiro.

Boa leitura !

Ana Muza Cipriano, Sidney Tartatura e Tony Boita

Expediente

Revista Memória LGBT
Ano 3 – nº 1 – ed. 8
junho/julho
ISSN 2318-6275
www.memorialglt.com
revista@memorialglt.com
Distribuição Gratuita

Equipe Projeto Memória LGBT no Museu de Favela, Pavão, Pavãozinho e Cantagalo

Mobilizadorxs: Jaqueline Alves, Luana Araújo, João Victor Teodoro, Jonathan Martins e Jaqueline Alves

Produção Cultural: Sidney Silva (Tartaruga).

Comunicação: Rafaela Feliciano.

Direção de Arte: Aline Inforsato

Assistente Administrativo: Fabiana Simão.

Consultor Financeiro: Flávio Feitosa.

Consultor em História: Jean Baptista.

Coordenação Geral: Ana Muza Cipriano e Tony Boita.

Museu de Favela – Pavão, Pavãozinho e Cantagalo

Antonia Soares: **Diretora Presidente, Curadora de Ações Educativas, Coordenadora da Brincadoteca e Responsável pela RedeMuf.**

Mario Chagas: **Diretor de Articulação e Intercâmbio.**

Sidney Silva: **Curador da Agenda Cultural.**

Rita Santos: **Curadora de Memórias e Acervo.**

Rafaela Feliciano: **Gestora do Núcleo de Comunicação.**

Fabiana Simão: **Auxiliar Administrativa.**

João Soares: **Zelador.**

Revista Memória LGBT

Editor Chefe: Tony Boita.

Redação: Ana Muza Cipriano, Jean Baptista, João Victor Teodoro e Tony Boita.

Direção de Arte: Aline Inforsato.

Corpo Editorial: : Andressa Mourão Duarte, Bruna Andrade Irineu, Bruno Silva Kauss, Bernardo Dall’Olmo de Amorim, Danielle Agostinho Cristiano Figueiredo dos Santos, Dário Ferreira Sousa Neto, Edegar Ribeiro Júnior, Franciele Monique Scopetc dos Santos, Gabriela Paes dos Santos, Geanine Vargas Escobar, Guilherme Gomes Ferreira, Hagá Galvão Araujo, Henrique Luiz Caproni Neto, Jainara Gomes de Oliveira, Jean Baptista, José Baptista de Mello Neto, José Cleudo Gomes, Karyna dos Santos Figueiredo Dultra, Lucia de Fátima Socoowski de Anello, Luiz Henrique Braúna Lopes de Souza, Marco Aurelio de Almeida Soares, Michelle Barbosa Agnoleti, Rodrigo Andrés Azócar González, Thiago Gomes Viana, Thiago Minervino da Silva.

Todos Direitos Reservados a Editora Nós
Distribuição Gratuita

Você poderá pesquisar, comunicar e estudar a Revista Memória LGBT desde que autorizado.

Entre em contato:

contato@memorialglt.com

Sumário

Debates

Clóvis Bornay: o profissional e o personagem 4

O Diabo de Mário de Andrade: avanços e riscos para a memória LGBT a partir do debate sobre a sexualidade de Mário de Andrade 5

Exposição em revista

Ser gay na favela 7

Entrevista com João Victor Teodoro 8

Entrevista com Jonathan Martins 10

Entrevista com Douglas Miranda 12

Entrevista com Thiago Vinícius 14

Memórias

Stonewall uprising: origem das paradas LGBTQI, subcultura no crime organizado e a desobediência civil 16

Projeto Memória LGBT no MUF comemora os 450 anos do Rio de Janeiro com primeiro seminário brasileiro sobre Museus, Memória e Museologia LGBT 20

Realização



REVISTA MEMÓRIA LGBT

Apoio

REDE LGBT DE
MEMÓRIA E
MUSEOLOGIA SOCIAL

Patrocínio

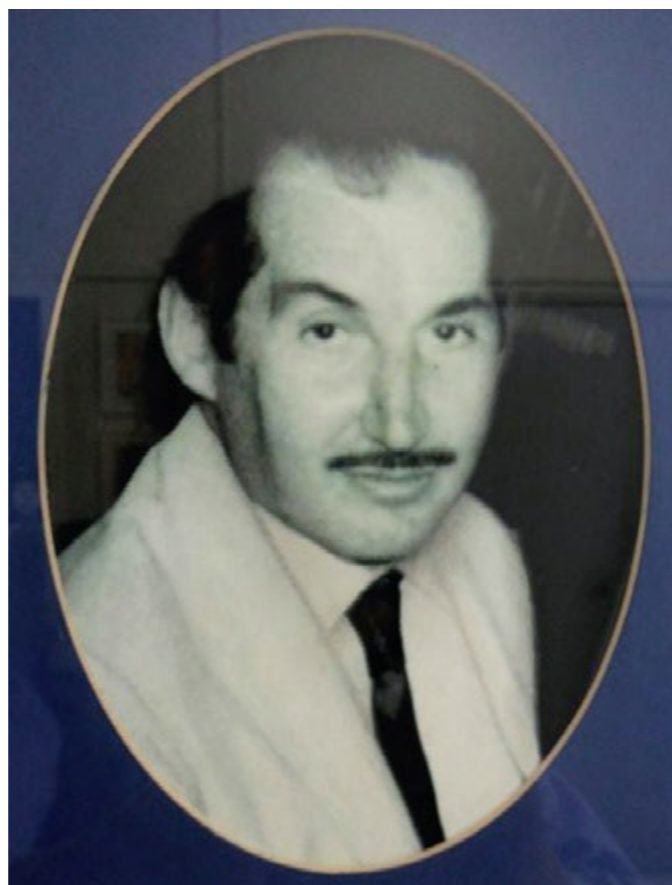


Clóvis Bornay: o profissional e o personagem

Por Mário Chagas

A paixão de Clóvis Bornay pelo carnaval nasceu em sua juventude e se manteve acesa ao longo de toda a sua vida. Essa paixão mobilizou a sua energia para propor à direção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, inspirado nos desfiles de máscaras de Veneza, a realização de Bailes de Gala com concursos de fantasias e premiações em diversas categorias. A proposta foi aceita e no carnaval de 1937 ocorreria a primeira edição da festa, que se tornaria tradição no calendário do Teatro Municipal até 1972, quando foi interrompida em virtude da necessidade de preservação do patrimônio arquitetônico. Com 21 anos, Clóvis Bornay foi o vencedor do primeiro desfile, com uma fantasia denominada “Príncipe Hindu”. E nos anos seguintes foram tantas as vitórias que em 1961 ele foi elevado à categoria de participante *Hors Concours* (Concorrente de Honra, que não mais participava da disputa).

A paixão pelos museus e pela museologia se revelou claramente quando Clóvis se matriculou em 1944, no Curso de Museus no Museu Histórico Nacional (MHN), onde se formou em 1946. Museologia e carnaval parecem ter alimentado a sua alma. Muitas pesquisas realizadas no museu se transformaram em fantasias e muitas experiências de carnaval foram levadas para o museu. Um dos bons exemplos é o seu artigo publicado



no volume XV dos Anais do Museu Histórico Nacional, em 1965, denominado “Estácio de Sá – primeiro conquistador e fundador desta terra e cidade” e a célebre fantasia “Estácio de Sá”, comemorando o IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro.

Profissional e personagem andavam juntos, mas ainda assim, ele dizia: “Ser museólogo não é nada; mais difícil é ser Clóvis Bornay todos os anos nas passarelas”.

O Diabo de Mário de Andrade: avanços e riscos para a memória LGBT a partir do debate sobre a sexualidade de Mário de Andrade

Por Jean Baptista e Tony Boita

Ao refletir sobre os dois retratos que dele foram feitos, Mário de Andrade conclui: ao passo que Portinari teria captado apenas “a parte do Anjo”, Lasar Segall projetara “o que havia de perverso em mim”, ou seja, “a parte do Diabo”. E quando comparadas as pinturas, percebe-se a que Diabo delicado, sinuoso, sensual, divertido e triste ele estava se referindo. Nesse contraponto e nas alegorias que usou para se explicar, percebemos tensão dicotômica, medo e sofrimento que perseguiram Mário ao longo de sua vida – e o perseguem até hoje.

Enquanto redige a carta em 1928, certamente é aquele Diabo da pintura de Segall que guia Mário. Ali ele considera sobre os falatórios sobre suas “amizades platônicas”, sua “tão falada homossexualidade” e a “socialização absolutamente desprezível” de sua vida privada. Embora chame seus algozes de “ridículos” e contraditórios, Mário assegura que se porta “com absoluta e elegante discrição social”, sendo “incapaz de convidar um companheiro daqui a sair sozinho comigo na rua”. Aquele homem de tantas contribuições para a cultura no Brasil vivia, de fato, oprimido e difamado: “Me dão todos os vícios que por ignorância ou por interesse de intriga, são por eles considerados ridículos”. E afirma: “Tenho a minha vida mais regulada que máquina de pressão”. A perseguição política que sofreu até sua precoce morte, aos 51 anos, deprimido, solitário, fumante inveterado e alcoólico, certamente estão vinculados ao resultado dessa pressão em seu cotidiano.

Há uma enorme importância no ato da CGU determinar que a Fundação Casa de Rui Barbosa abra a misteriosa carta para consulta pública. Trata-se de um momento significativo para a história da liberdade de informação do país, onde se delimita que princípios como a homofobia não podem ser determinantes para a consulta de arquivos man-

tidos em boa parte por fundos públicos. Também é relevante porque a partir de agora, oficialmente, não se pode ignorar a sexualidade do célebre autor, já que os trechos da carta provam que o tormento experimentado em vida afetavam sua percepção de mundo e crítica social. A Fundação meteu os pés pelas mãos: membros de sua equipe chegaram a tentar apontar que tal informação era irrelevante, assim como passar a responsabilidade aos herdeiros de Mário, escancarando que arquivos mantidos por fundos públicos estão ao gosto de privados. Ficou claro também que foi contra sua vontade que a Fundação acabou por ceder via determinação judicial, assim como é visível que a instituição não pretende promover um debate para aprofundar as implicações do assunto no âmbito da pesquisa. O que deixa entender é que a Fundação está com uma infantil vergonha de ter em seu



Mário de Andrade - Segall

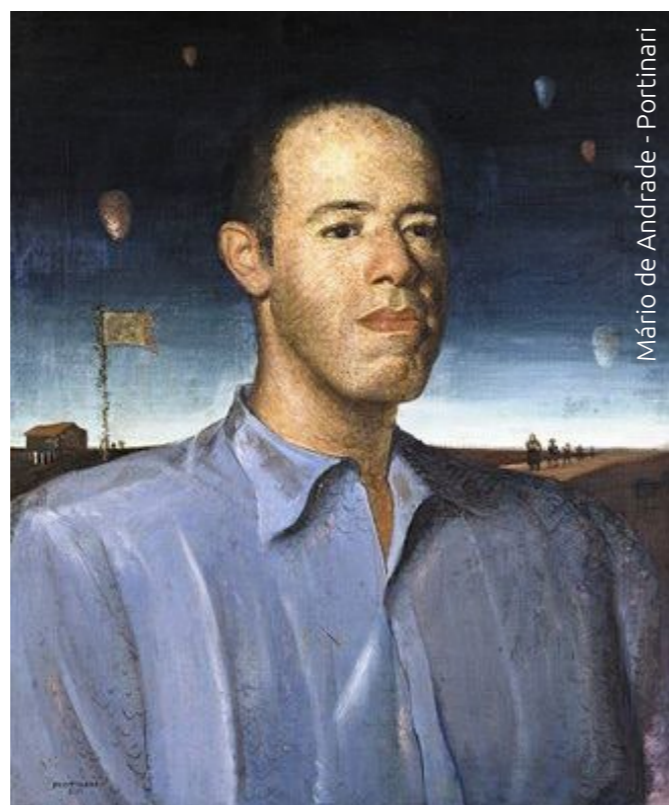
acervo um homossexual. A vergonha, neste caso, está em ter tentado guardar esta importante informação para “preservar a integridade do autor”, como se argumentou, mediante um contexto tão violento em que estamos vivendo, onde torna-se cada vez mais necessário referenciar positivamente os LGBT do passado como estratégia pedagógica. Claro que não será a sexualidade capaz de explicar a vida e obra de Mário de Andrade, mas certamente não é possível compreender ambas sem a considerar. E sem Mário inteiro, não podemos entender o Brasil.

Mas beiramos um conjunto de riscos com tamanho avanço. Admitir que somente agora Mário sai do armário é corroborar com a hipocrisia que tentou mantê-lo por lá. Um olhar minimamente atento à obra do antropofágico já revelava este detalhe: desde o travestismo experimentado por Macunaíma, passando por suas fotos de campo e alcançando o conto Frederico Paciência, tudo está ali, a homoerotividade e a violência a qual a diversidade sexual sempre foi submetida no país. Além disso, há muito pesquisadores como João Silvério Trevisan e Luiz Mott apontavam tal aspecto, assim como de outros nomes célebres, denunciando o sistema homofóbico institucionalizado na academia e casas de memória. De quebra, tais pesquisadores foram hostilizados e ridicularizados, desprezando-se suas conclusões sérias – muitas delas com aspectos mais profundos do que os detalhes revelados na tal carta no caso de Mário. A memória da pesquisa no Brasil sobre a sexualidade de Mário não pode ser obscurecida por uma jogada de marketing empreendida pela editora que encabeça este recente movimento e uma retomada aos clássicos da memória LGBT é, mais do que nunca, necessária.

Mas, sobretudo, o maior risco que se apresenta nesta abordagem é entender o sofrimento de Mário como um padrão da memória LGBT. Não se pode esquecer que o lugar que ocupava o protegeu da homofobia quando dimensionamos a mesma sociedade relacionada com homossexuais, lésbicas, transexuais e travestis populares. A memória LGBT não pode ser construída no Brasil apenas a partir dos nomes da elite. Há uma massa de anônimos sem história e memória que padeceram

de horrores muito além das preocupações nascidas em falatórios dos círculos sociais da elite paulista e suas intrigas políticas. Neste ponto reside um calabouço vergonhoso para o país, tomado de desmoralizações, fomes, doenças, desemprego, perseguições, prisões, internações compulsórias, torturas, apedrejamentos e assassinatos que revelam até onde uma sociedade fóbica aos LGBT pode chegar, sobretudo com indivíduos sem a proteção de sobrenomes, heranças ou cargos políticos. História, essa, que ainda não acabou.

Quando se deu no Rio de Janeiro o recente funeral da transformista Marquesa e o religioso responsável pela celebração final perguntou aos presentes onde estavam os membros da família, Rogéria prontamente respondeu: “A família somos nós”. É nesse “nós”, nesse importante pronome com poder de sensibilização – e por isso de transformação — onde reside a real potência da memória LGBT. A massa de anônimos que recriam suas trajetórias, famílias e comunidades, a partir das brechas que uma sociedade pautada no ódio tem a oferecer, são, sim, os que podem tirar o Brasil do armário e promover uma sociedade justa pautada na paz sem necessidade de demônios ou anjos.



Mário de Andrade - Portinari

SER GAYS NA FAVELA

Líder comunitário, auxiliar de escritório, passista, técnico em contabilidade, negros, jovens, pais... Gays. Diferentes vidas, ligadas em defesa da liberdade e o respeito.

No decorrer de sua história, a cidade do Rio de Janeiro foi o cenário de muitas memórias protagonizada por homossexuais. Algumas ainda resistem, como é o caso de Cazuzza, Clodovil, Clóvis Bornay e tantas outras celebridades “aceitas” pela sociedade. Existem ainda aqueles invisibilizados, marginalizados e ao longo do tempo banalizados, como Madame Satã e todos aqueles gays residentes em periferias em âmbito urbano e/ou rural. Há, contudo, um ponto em comum entre celebridades e periféricos: ambas as memórias vêm sendo esquecidas ao longo dos 450 anos da cidade maravilhosa.

Para esta exposição em Revista utilizamos parte da memória viva do gigantesco acervo do Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Através de entrevistas e imagens coletadas pelos mobilizadores do Projeto Memória LGBT no MUF, selecionamos quatro lideranças Gays das Comunidades Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. Eles são, jovens homossexuais de diferentes áreas, idades e profissões que reinventam e driblam o preconceito. A exposição Ser Gay na Favela, pretende preservar as memórias até então invisibilizadas, além de, apresentar o protagonismo da juventude gay de favela.

A seguir, você visitará a exposição em revista Ser Gay na Favela, construída coletivamente entre a juventude gay das favelas Pavão, Pavãozinho e Cantagalo em comemoração aos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro.

Boa exposição!



Entrevista com João Victor Teodoro

Auxiliar de Escritório, 23 anos,
morador do Pavãozinho.

Memória LGBT: Já sofreu preconceito dentro da comunidade?

JV: Sim, desde quando eu não era assumido. Já fui chamado várias vezes de gay, veado, e apelidos ridículos que pessoas usam para tentar diminuir o homossexual. Pura ignorância. Mas, depois que me assumi, acabou o suspense e nunca mais sofri preconceito. Sempre tive e impus meu respeito na favela, até mesmo por ser filho do presidente que mais tempo ficou no cargo da associação de moradores. Ninguém nunca foi tão ofensivo, mas nas duas últimas vezes que me ofenderam, eu briguei com duas pessoas simultaneamente. Só briguei porque me ameaçaram de agressão, mas, graças a Deus, eu não me machuquei. Acho que depois disso eles viram que sou tão homem quanto qualquer outro homem, nunca mais ninguém ousou agir assim comigo.

Memória LGBT: Como foi o primeiro contato com a sua sexualidade?

JV: No colégio eu comecei a sentir algo pelo meu melhor amigo. Não posso chamar de atração, porque não sei ao certo se era isso, mas eu

comecei a “gostar” dele e comecei a pesquisar o que era isso que eu estava sentindo. Queria saber se era normal. Depois de um tempo eu percebi que não podia fugir do que eu sentia, porque era algo e que fazia parte de mim.

Memória LGBT: Se você fosse dizer algo para a sociedade o que diria?

JV: Eu não escolhi ser gay. Gays são pessoas normais, Deus pede que a gente ame ao próximo e o mundo está pedindo socorro.

Memória LGBT: O que a homossexualidade representa na sua vida?

JV: Apenas a minha sexualidade, porque o João Victor é muito mais do que um rótulo que a sociedade impõe.

Memória LGBT: Como foi se assumir para os pais?

JV: Bem, toda mãe sabe quando o filho é diferente dos outros garotos, só demoram a aceitar. Eu sou uma pessoa muito franca, não foi muito difícil no meu caso. Ela “jogou um verde” e eu “entreguei uma cesta de maduros”,

confirmei o que ela pensava e ponto final. Ainda fui mais ousado e perguntei se ela iria deixar de me amar por conta da minha sexualidade. Meu padrasto não aceitou bem, paramos de nos falar. Sai de casa também por esse motivo.

Memória LGBT: você saiu de casa na cara e na coragem? Quantos anos você tinha?

JV: Não, já estava planejando sair de casa para obter minha liberdade e seguir minha vida. Juntei todo os problemas em um e resolvi da minha maneira, mostrei do que era capaz e moro só desde então. Na época eu tinha 20 anos, sempre quis morar aqui na comunidade.

Memória LGBT: E a reação da sua mãe diante do seu primeiro namoro?

JV: Eu sempre fui muito transparente e sempre fiz questão de apresentar para a família, já que sempre fizeram questão de contar para todos que eu fui o primeiro gay assumido da família.

Memória LGBT: E a sua família, como reagiu?

JV: Sempre fui o querido da família e minha opção só diz respeito a mim. Deixei bem claro que ninguém tinha a audácia de se pronunciar diante da minha escolha que, na realidade, nunca foi uma escolha. Quem falasse de mim iria ouvir na mesma proporção, pois eu não dava nenhuma liberdade, nem mesmo para a minha mãe, para tal atitude. Todos me conhecem e entendem, tenho 100% de aceitação e respeito, não posso reclamar da minha família.

Memória LGBT: Uma palavra?

JV: Amor

Memória LGBT: O que o amor representa para você?

JV: Tudo. Com amor tudo sai perfeito, barreiras são quebradas e quanto mais amor melhor.

Memória LGBT: Você se lembra do seu pri-

meiro beijo com um garoto? Quantos anos tinha e onde foi?

JV: Lembro até o da garota (risos). Eu tinha 17 anos, foi na Lapa, atrás de uma árvore.

Memória LGBT: A sua maior vontade?

JV: Dar continuidade ao trabalho do meu pai, me sentir completo, ajudando muitas pessoas com projetos desenvolvidos na minha comunidade e de seguir a carreira artística. Sinto que eu nasci para isso.

Memória LGBT: O que é a homofobia para você?

JV: Sinônimo de ignorância, abuso e falta de educação dentro de casa.

Memória LGBT: João Victor por João Victor?

JV: Sem rótulos, Vulcão de personalidade, Extrovertido, Animador de Pessoas e Ambientes, Implicante, Turrão, Ansioso, Sonhador, Poeta Amador, Político e Cômico.

Memória LGBT: O que te faz mais feliz?

JV: Arrancar sorrisos de outros, pois tenho a sensação de estar fazendo sempre alguém feliz.

Memória LGBT: Uma mensagem para os gays da sua comunidade.

JV: Unidos somos uma potência!



Entrevista com Jonathan Martins

Memória LGBT: Como é a relação com os seus pais?

Jonathan: Hoje é ótima, mas no início foi bem difícil.

Memória LGBT: Como foi que você se descobriu homossexual?

Jonathan: Desde pequeno soube. Eu olhava para os meninos com outros pensamentos. Jogava futebol, fazia tudo que os meninos costumam fazer na infância, mas fui percebendo que olhava para os outros garotos e sabia o que estava sentindo, uma coisa diferente.

Memória LGBT: Já ficou ou namorou com alguma menina?

Jonathan: Nunca, nem curiosidade eu tinha, sempre soube que não gostava!

Memória LGBT: Como reagiram depois que você se assumiu na comunidade, já houve situações desagradáveis?

Jonathan: A maioria já sabia ou desconfiava menos minha família, que não tinha a confirmação. Mas eu me impus e fiz com que me respeitassem e reaproximei todos para que não sentisse algo diferente. E, sim, me aceitaram com a maior naturalidade até porque ser gay não é ser bicho. Na comunidade nunca me desrespeitaram.



Memória LGBT: Você namora, ou já namorou?

Jonathan: Nunca namorei desde que me assumi publicamente, mas sempre tive meus casos que são bem duradouros, sempre com supostos "héteros".

Memória LGBT: Costuma frequentar locais gays?

Jonathan: Não, prefiro lugares héteros.

Memória LGBT: Por quê? Preconceito da sua parte ou questão de gosto?

Jonathan: Questão de gosto mesmo, até porque a maioria dos meus amigos são héteros.

21 anos, técnico em administração, mora com os pais na Quadra do Pavãozinho.

Memória LGBT: Uma palavra que te define.

Jonathan: Respeito. Porque sem ele nada anda da forma que planejo.

Memória LGBT: Já teve algum desentendimento dentro da comunidade?

Jonathan: Já sim. Foi num bar, quando eu estava com amigos, um cara apareceu e me chamou de veadinho. Não gostei da forma como fui abordado e, diante do abuso, acabei dando uma surra no cara que me ofendeu.

Memória LGBT: Você pratica alguma atividade física?

Jonathan: Sim, faço treino funcional e boxe. O boxe é minha terapia, me deixa muito leve e me faz reagir de forma correta, como, saber respeitar e escutar antes de agir, além de amar o esporte.

Memória LGBT: Maior desejo?

Jonathan: formar-me em publicidade.

Memória LGBT: Uma Lembrança ?

Jonathan: O último "boa noite" da minha avó.



Entrevista com Douglas Miranda

Memória LGBT: Você é passista de quantas escolas de samba e a quanto tempo tem contato com o mundo do samba?

Douglas: Sou passista da São Clemente, da Viradouro, da Alegria da Zona Sul e da Paraíso do Tuiuti. Faço parte do mundo do samba há 15 anos.

Memória LGBT: O que o carnaval e o samba representam para você?

Douglas: Alegria, diversão e o fim dos meus problemas. Carnaval para mim é a festa da diversidade, onde todos se juntam em um só, seja branco, negro, gay ou hétero.

Memória LGBT: O que os gays representam no mundo do carnaval para você?

Douglas: São os maiores responsáveis por essa festa.

Memória LGBT: Por qual motivo?

Douglas: Por serem a maioria. Seja como carnavalescos,



aderecistas ou passistas, mas na maioria das vezes, eles não têm seu trabalho reconhecido. Os gays merecem mais valor, não só no mundo do samba mais em todas as outras áreas.

Memória LGBT: O que ser gay representa para você?

Douglas: Uma pessoa normal, como qualquer outra.

Memória LGBT: Você já sofreu algum tipo de preconceito onde mora, em casa ou no trabalho?

Douglas: Todos sofrem preconceito, sendo gay ou não. Nunca sofri agressão física, mas verbal várias vezes. Infelizmente é uma coisa normal, cada um pensa de uma maneira, fazer o que né?

Memória LGBT: Ser gay, pobre e negro pesou na discriminação, ou apenas o fato de você ser gay?

Douglas: Nunca fui rejeitado por ser gay. Já ouvi piadinhas, mas nada muito grave.

28 anos, passista, ladrilheiro, cabeleireiro e morador do 100 (prédio da Ladeira, considerado parte da comunidade)

Memória LGBT: Na sua comunidade já houve esse tipo de agressão?

Douglas: Não só na comunidade, em outros ambientes também. Numa festa de aniversário mesmo, sempre tem alguém que te aponta e diz para um colega "aquele lá é gay, é veado", esse tipo de coisa.

Memória LGBT: E dentro de casa, seu pai e seu irmão te rejeitaram ou te respeitaram de cara?

Douglas: Respeitaram de cara. O respeito vem primeiramente de si, e eu me dou o respeito, logo eles me respeitaram de cara. Na família, em geral, fui sempre muito bem aceito.

Memória LGBT: Você me disse que é cabeleireiro, uma profissão rotulada por ter como maioria profissionais gays, você acha que realmente é uma profissão estereotipada,

devido a sexualidade dos profissionais da área?

Douglas: Acho que isso é bobagem, porque também sou ladrilheiro e já trabalhei como guarda-vidas e minha opção nunca pesou sobre o meu trabalho. Por isso acho que ser cabeleireiro é uma profissão como qualquer outra.

Memória LGBT: Uma lembrança ruim?

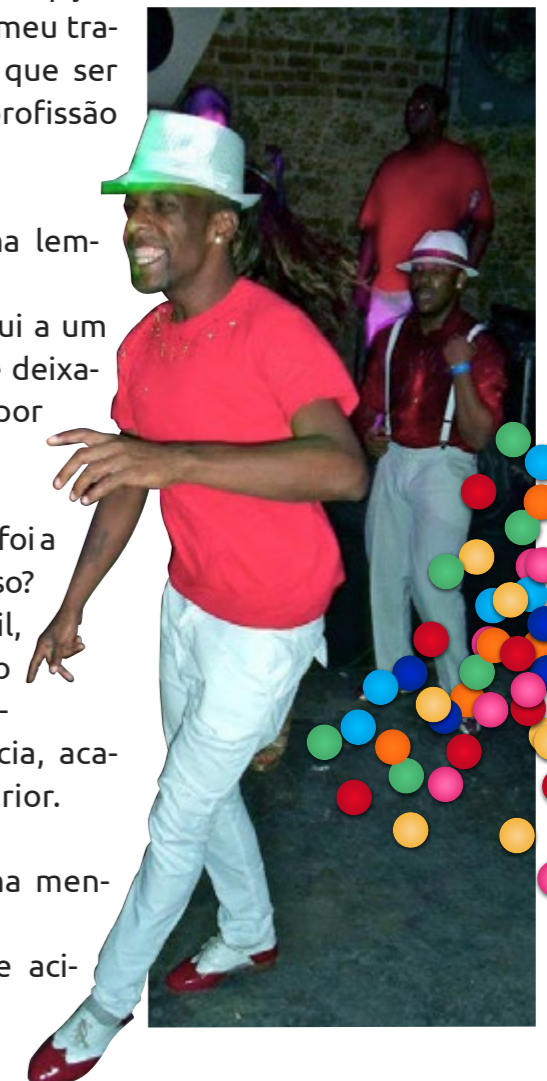
Douglas: Uma vez fui a um restaurante e não me deixaram usar o banheiro por eu ser negro.

Memória LGBT: Qual foi a sua reação quanto a isso?

Douglas: Foi difícil, mas ignorei para não me rebaixar ao mesmo nível de ignorância, acabei me sentindo superior.

Memória LGBT: Uma mensagem?

Douglas: Humildade acima de tudo.



Entrevista com Thiago Vinícius

Memória LGBT: Como foi se assumir para a família?

Thiago: Foi difícil. Na comunidade o preconceito existe, e era forte na época, mas eu soube me empenhar e sempre fui respeitado por todos.

Memória LGBT: Você sofre preconceito dentro de casa?

Thiago: De certa forma sim. Fiquei sem falar com o meu avô durante 5 anos, mas, graças a Deus, o amor superou essa barreira.



Produtor de moda, morador do Cantagalo há mais de 20 anos e pai do Wallace.

Memória LGBT: O que é ser gay na comunidade para você?

Thiago: É difícil, tem que ser muito forte, porque sempre viramos alvo de brincadeiras e chacotas. Temos que nos impor para mudar esse quadro.

Memória LGBT: Já sofreu algum tipo de violência dentro da Favela?

Thiago: Nunca, apenas piadinhas, mas sempre levei na esportiva.

Memória LGBT: Uma frase?

Thiago: "Viver e não ter vergonha de ser feliz" (ADORO!)

Memória LGBT: como foi o seu primeiro contato com o seu filho Wallace?

Thiago: Foi amor à primeira vista, coisa de outras vidas sabe? Agi com o coração, quando dei por mim já estava me chamando de pai.

Memória LGBT: O que ele representa para você?

Thiago: Amor ao próximo, educação, respeito, carinho, valorização de coisas que eu não

dava valor e ele me freou bastante das baladas e coisas supérfluas da vida.

Memória LGBT: Como repercutiu essa adoção amigável?

Thiago: Houveram muitas críticas e muitas dúvidas, pelo fato de eu ser jovem, gay e solteiro.

Memória LGBT: Como você usou isso ao seu favor?

Thiago: Mostrei na prática o meu potencial. Fiz pelo meu filho o que muitos pais heterossexuais não fazem pelos seus; dei um lar, muito amor e carinho. Wallace chegou com um aninho e hoje já tem 5, está fazendo até jiu-jitsu (diz cheio de orgulho).

Memória LGBT: Uma lembrança com ele?

Thiago: A primeira mamadeira e a primeira troca de fralda.

Memória LGBT: Teve ajuda?

Thiago: Claro (risos).

Memória LGBT: Como repercutiu a notícia da adoção entre seus amigos famosos?

Thiago: Acharam bacana a iniciativa, mas nada mudou, sempre fui querido.

Memória LGBT: Um sonho realizado?

Thiago: Ser pai; conhecer Paris; ir à Disney; ir ao show da Beyoncé. Fiquei na área VIP, ao lado dos famosos mais tops, por exemplo a Isabelli Fontanna.

Memória LGBT: o que é ser pai para você?

Thiago: É ser tão bom para o meu filho quanto o meu pai foi para mim. Ele foi pai solteiro e criou os seus 3 filhos com a ajuda dos pais. Com dignidade, respeito, educação e, acima de tudo, amor incondicional.



Memória LGBT: Qual a reação dos seus pais diante de você se assumir gay?

Thiago: De imediato meu pai não teve uma reação boa. Em seguida meu irmão veio a falecer, ele sentiu a dor da perda de um filho e deixou de lado o preconceito. A figura materna que tive foi a minha avó, pois minha mãe biológica abandonou a família quando eu ainda era pequeno. Aos 17 anos ela reapareceu, mas ela não tinha muito o que falar e perdemos o contato.

Memória LGBT: Qual mensagem você deixa, para essa geração LGBT mais liberal que está surgindo na comunidade?

Thiago: Primeiramente previnam-se, respeitem o próximo, imponham-se e o mais importante, deem-se o respeito, para que os outros possam também respeitar-lhes, e sejam felizes. #VRAAAAA

Memória LGBT: Como você se vê daqui a 10 anos?

Thiago: Com mais 10 anos? (Pausa). Vamos esquecer isso, o futuro a Deus pertence!

Stonewall uprising: origem das paradas LGBTQI, subcultura no crime organizado e a desobediência civil

Por Guilherme Kern Assumpção²

O documentário *Stonewall uprising*³ narra eventos ocorridos em 1969 e a perspectiva das pessoas envolvidas no bar Stonewall Inn, financiado pelo crime organizado – FBI, *Federal Bureau of Investigation*, conceitua o crime organizado como “qualquer grupo tendo algum tipo de estrutura formalizada cujo objetivo primário é a obtenção de dinheiro através de atividades ilegais. Tais grupos mantêm suas posições através do uso de violência, corrupção, fraude ou extorsões e geralmente tem significativo impacto sobre os locais e regiões do País onde atuam.” – praticado pela máfia ítalo-americana⁴, e discute sobre o cerceamento de direitos, a discriminação e a corrupção estatal em Nova Iorque. Em 1969, nos Estados Unidos da América, atos homossexuais eram ilegais. O filme inicia com o relato da violência sofrida por homossexuais, lésbicas e trans que desejavam usufruir de sua própria cultura e sexualidade. A opção para desfrutar de tal cultura se desenvolveu por mecanismos ilegais: o crime organizado. A máfia financiou bares gays onde o baixo custo de manutenção, a falta de políticas de saúde e a segurança criaram um negócio lucrativo para a máfia ítalo-americana e um ambiente inóspito para seus frequentadores, porém único para o proveito de sua “subcultura criminal”⁵.

A subcultura criminal homossexual da época é devida à “desproporção que existe entre os fins culturalmente reconhecidos como válidos e os meios legítimos à disposição do indivíduo para alcançá-los”⁶, ou seja, a ilicitude dos atos homossexuais propiciava a este

grupo social a procura de formas difusas e precárias para confraternização, sujeitando seus membros a meios degradantes e muitas vezes, de risco ao bem-estar. Os bares mantidos pelo crime organizado funcionavam com pouco incentivo à sua estrutura, resultando em frequentes vistorias por policiais e, conseqüentemente, na perda de licença para seu funcionamento. Este fato, aliado à ilicitude dos atos homossexuais, fazia o bar Stonewall Inn excelente meio para policiais corruptos extorquirem dinheiro dos fregueses e empregados e também, completarem suas “quotas de prisões”. Considerados alvos fáceis para as prisões, o corpo policial de Nova Iorque agia com brutalidade e descaso para com os frequentadores prendendo aqueles que não possuíssem peças adequadas ao respectivo vestuário de seu gênero. Os atos abusivos da polícia e da sociedade – com suas campanhas homofóbicas⁷ – geraram uma onda de indignação e raiva nos meios LGBTQI nos anos de 1960, criando uma das primeiras revoltas em 1967, em Los Angeles, no bar Black Cat Tavern. Dois anos após este evento, a repressão aos grupos minoritários crescia e o sentimento de indignação à repressão se intensificava.

Os relatos divergem quanto a como começou a revolta no bar Stonewall Inn, porém todos concordam com o abuso policial sobre *drag queens*, travestis, *butch dykes* e homossexuais. No momento das apreensões policiais, o protesto iniciou quando frequentadores, cansados dos abusos, negaram-se a cumprir ordens e criaram uma barricada en-

tre a rua e o bar, atirando moedas, pedras e *coquetel molotov* contra a polícia enquanto gritavam: polícia corrupta.

Conforme o protesto seguia, o grupo pressionava a polícia a recuar criando duas frentes na rua, separando a força policial. O barulho chamou a atenção de moradores de East Village, conhecido por ser um bairro homossexual e frequentemente atacado pela polícia e pela sociedade, que, ao presenciar os abusos cometidos no bar, se uniu ao protesto, intensificando-o.

A insurreição alcançou seu ápice quando muitos homossexuais, travestis, *drag queens* e trans criaram, em cada frente, uma linha e dançaram *cancan*. Assim prosseguiram em direção à força policial obrigando-os a recuar surpreendidos pela reação do grupo: plumas, cores, purpurina e toda uma cultura reconhecida na época como estranha e, por muitos, frágil, ganhava força através do escárnio dos padrões sociais vigentes.

Nos dias de hoje, as paradas LGBTQI não fogem de sua origem: o escárnio carnavalesco agressivo que quebra paradigmas do corpo e da cultura do gênero padrão de 1969 contra o abuso corrupto da polícia continua vivo, porém mais alegre. Não há mais entonações de guerra e ódio, mas o riso e a festa tornaram-se as armas mais efetivas das paradas.

O panorama atual da ilicitude dos atos homossexuais no Ocidente eurocêntrico se mantém em uma evolução lenta, mas contínua. Porém os direitos na África e no Oriente regridem e criminalizam os homossexuais com leis antiquadas⁸. O efeito desta criminalização no mundo reflete uma instabilidade na segurança jurídica dos indivíduos e a falta de confiança no poder do Estado que não garante sua segurança e, através de abusos policiais e estatais, incita a violência contra o Estado que se mantém omissivo e estúpido

quanto à necessidade de um grupo minoritário. As ações independentes dão poder e protegem grupos desprovidos da atenção do governo, sejam elas originadas em paradas ou movimentos políticos contrários ao Estado, são legítimos e uma contraforça, um atrito, à insegurança gerada pela incapacidade de sobreviver à maioria política beneficiando uma minoria de forma a fazer o Justo em uma democracia.

Tal forma de protesto é um direito fundamental da humanidade. Sua manifestação concreta sobre normas injustas e abusos está conforme o direito de resistência à opressão⁹, expressa através da desobediência civil na Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão de 1793, artigo XXXVIII. Tais direitos há muito vêm sendo negligenciados para favorecer a manutenção do poder estatal e o esquecimento do poder basilar do Estado Democrático de Direito: o povo e a capacidade de intervenção direta política, ou seja, demonstrar e requerer por via pública, sem representações ou líderes políticos, o indivíduo como autônomo em sua vontade política.

A desobediência civil é a base para movimentos sociais atuais participarem ativamente na política. Sua aplicação nas ruas em protestos, quaisquer que sejam seus temas – LGBTQI, feminismo, quilombola, indígena e periferia –, desenvolvem um diálogo extenso, e, algumas vezes, radical entre “normais” versus “diferentes”. O conflito violento, apesar de repreendido quando usado para questões privadas que não possuem como objeto o direito coletivo, é instância máxima para reclamação de direitos de minoria, sejam eles pessoais ou públicos¹⁰. Suas vantagens se manifestam quanto à polêmica gerada através do ataque direto a fontes de poder estatais e econômicas obrigando o cidadão médio e a mídia a tomar posição

e a reconhecer o desenvolvimento do fato como político. A manifestação pode ser positiva ou negativa, resultando na visibilidade desta parcela da população negligenciada, no caso a LGBTQI.

No Brasil, este tipo de manifestação conquistou muitos direitos como o registro de nome social para transexuais, decisões judiciais beneficiando cônjuge a receber pensão e a possibilidade da união civil, e outros muitos a serem conquistados se desenvolveram através do conflito de ideias sobre como os movimentos sociais LGBTQI devem agir para ganhar força nas congregações sobre direitos de minoria. Porém há pessoas que consideram as paradas LGBTQI como sendo festas fora de época, carnavais de aberrações: este pensamento ajuda a disseminação de um estereótipo homossexual branco excludente de outras formas de individualidade que ridiculariza a parada LGBTQI. Este grupo, ao pregar características que mimetizam as relações heterossexuais em relação a gênero e comportamento masculino, gera preconceito a grupos minoritários dentro da própria cultura LGBT; como trans, negros, classe social e, inclusive, características de gênero femininas, que contestam o poder patriarcal e a “masculinidade” – desconsiderando a história repressiva direcionada aos membros desta comunidade – forçando-os a sufocar sua liberdade individual para agir conforme um determinado padrão. Qualquer um diferente de seu gênero de nascimento estava sujeito a ser preso em 1969. O corpo nu, a pluma, a sunga e a minissaia são representações máximas de uma cultura baseada na liberdade individual que enfrenta tabus sociais conservadores sem perder a graça, pois uma cultura que sofreu repressão durante tanto tempo, e ainda sofre em todas as classes sociais, encontrou no riso sua arma mais forte.

Para discussão:

1. As paradas LGBTQI possuem o mesmo motivo e fundamentação desde 1969 ou tomaram direções diferentes na luta pelos direitos humanos da população LGBTQI? Se algo mudou, o que foi?
2. O crime organizado e as subculturas criminais ao longo da história humana influenciaram as culturas ilícitas. Porém as subculturas adotadas pelo crime organizado seriam realmente ilícitas ou somente moralmente controversas para a época, como a questão da homossexualidade?
3. Há diferenças entre as lutas por direitos humanos? Entre as variadas classes dentro da comunidade LGBTQI, como exemplo, os direitos conquistados pelos homossexuais atualmente são maiores que de travestis, transexuais e transgêneros? E dentro de recortes de classe, cor, limitações físicas e mentais em indivíduos LGBTQI é necessária uma análise diferente de seus direitos?
4. O que é “ser homem” e o que é “ser mulher”? O que define esses símbolos e qual base opressora sustenta tais definições?
5. O recurso à desobediência civil no desenvolvimento político da sociedade é importante, porém somente possui concretização nas constituições da Alemanha e Portugal. Alguns autores discutem sobre a possibilidade de instabilidade jurídica por permitir abertura na lei para a prática de ilícitos quando se recorresse à desobediência. Seria esta uma boa objeção? O desenvolvimento do direito depende mais dos poderes legislativo e judiciário do que da sociedade civil. Não seria a desobediência civil um modo legítimo de manifestação e, conseqüentemente, de construção do direito? Ou deveríamos pensar a desobediência civil como algo prejudicial ao Estado Democrático de Direito?

Sugestões de leitura:

- ARENDR, Hannah. Crises da República. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CARTER David. Stonewall: The Riot That Sparks. New York. St: Martins Press, 2010.
- ENZO, Bello. A cidadania na luta política dos movimentos sociais. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.
- RAWLS, John. Justiça e democracia. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- THOREAU, Henry. A desobediência civil. Porto Alegre: L&PM, 2013.

Sobre o filme:

- Título original: Stonewall Uprising
País de origem: Estados Unidos da América
Gênero: documentário
Classificação: livre
Tempo de duração: 82 minutos
Ano: 2010
Direção: Kate Davis, David Heilbroner

4 A diferenciação entre a máfia e o crime organizado encontra-se na confiança e na interação entre seus membros caracterizando um código restrito de honra (Cosa Nostra, código normativo onde define o comportamento dos membros da máfia) e íntimo de favores e dívidas. MENDRONI, Marcelo Batlouni. Crime Organizado: Aspectos Gerais e Mecanismos Legais. 3ª. ed. SÃO PAULO: Editora ATLAS S.A., 2009, p.33.

5 Refiro-me a “subcultura criminal” como as relações entre sociedade e homossexualidade determinantes daquela época para que os eventos futuros ocorressem e a necessidade de acesso a fins culturais e meios ilegais.

6 BARATTA, Alessandro. Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2002, p. 63.

7 Em 1969 eram comuns palestras de psiquiatras em escolas discursando sobre o perigo da homossexualidade para crianças de variadas idades, assim como propagandas e filmes educativos ensinando a população os perigos da homossexualidade como um desvio psiquiátrico grave e violento, comparando-os com predadores sexuais. BEIRICH, Heidi. The Anti-gay Movement, Estados Unidos, Southern Poverty Law Center, Disponível em: <http://www.splcenter.org/get-informed/intelligence-files/ideology/anti-gay/the-anti-gay-movement>. Acesso em maio de 2014.

8 RODGERS, Lucy. MARTIN, Pablo Gutierrez, REES, Martyn. CONNOR, Steven. Criminalização da Homossexualidade no Mundo. 17:23, 10 de fevereiro de 2014. Dados disponíveis em: <http://www.bbc.com/news/world-25927595>.

9 Neste sentido, afirma o autor “Penso que devemos ser homens, em primeiro lugar, e depois súditos. Não é desejável cultivar pela lei o mesmo respeito que cultivamos pelo direito. A única obrigação que tenho o direito de assumir é a de fazer a qualquer tempo aquilo que considero direito. [...] A lei jamais tornou os homens mais justos, e, por meio de seu respeito por ela, mesmo os mais bem intencionados transformam-se diariamente em agentes da injustiça. [...] A grande maioria dos homens serve ao Estado desse modo, não como homens propriamente, mas como máquinas, com seus corpos. (..) Não é dever de um homem, na verdade, devotar-se à erradicação de qualquer injustiça, mesmo a maior delas, pois ele pode perfeitamente estar absorvido por outras preocupações. Mas é seu dever, ao menos, lavar as mãos em relação a ela e, se não quiser mais leva-la em consideração, não lhe dar seu apoio em termos práticos”. THOREAU, Henry D. A Desobediência Civil. Porto Alegre. L&PM Pocket, 2013, p. 11-23.

10 Destaco a diferença de conceitos entre questões privadas que não se desenvolveram com o intuito de defender direitos de um grupo político, e direitos pessoais, desenvolvidos como direitos de um grupo político, como exemplo: a sexualidade sendo pessoal, mas direito político necessário de proteção.

1 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e Intersex.

2 Bacharelado em Direito (FMP).

3 DAVIS, Kate, HEILBRONER, David. Stonewall Uprising. Produção e Direção de Kate Davis, David Heilbroner. Estados Unidos da América, PBS AMERICAN EXPERIENCE, 2011. 1 DVD/NTSC, 90 min. Color Disponível em: http://video.pbs.org/video/1889649613/?utm_source=Tumblr&utm_medium=this-dayhistory&utm_campaign=tdih_stonewall_uprising_film. Acesso em fevereiro de 2014.

Projeto Memória LGBT no MUF comemora os 450 anos do Rio de Janeiro com primeiro seminário brasileiro sobre Museus, Memória e Museologia LGBT



O Seminário Memória, Museus e Museologia LGBT foi realizado entre os dias 23 e 24 de maio de 2015. O evento integra as atividades de 450 anos do Rio de Janeiro, contando com patrocínio da Prefeitura do Rio de Janeiro, em uma iniciativa do Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF) em parceria com a Revista Memória LGBT. A atividade contou com o apoio do Grupo de Pesquisa Comunidades e Museologia Social (Comusas/UFG/Ibram/CNPq) e da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil. Participaram diversas organizações, pesquisadores e ativistas do Brasil em sua construção e realização no que foi o primeiro evento do Brasil a abordar a relação das comunidades LGBT com memória, museus e museologia.

O Seminário compõe as atividades do projeto Memória LGBT no MUF, interessado em promover a visibilidade de memórias subterrâneas ao longo dos 450 anos do Rio de Janeiro e da comunidade do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (PPG). A Revista Memória LGBT já lançou a edição “Ser lésbica na favela”, e será seguida pelas edições “Ser gay na favela”

e “Ser trans na favela”. Cada edição é composta por uma exposição em revista sobre seu tema central resultante das ações promovidas pelo projeto na comunidade do PPG, assim como artigos e reflexões de membros comunitários e acadêmicos.

Significados

Diversidade. Preocupações sobre a ascensão de religiões fundamentalistas e seu conservadorismo, “O objetivo do evento”, explica Tony Boita,

museólogo e editor-chefe da Revista Memória LGBT, “foi o de promover, estimular e fomentar a memória LGBT com os princípios estabelecidos pelos Direitos Humanos. Procuramos, portanto, demonstrar que na contemporaneidade os museus e iniciativas comunitárias em memória e museologia social devem estimular o diálogo entre a memória, saúde, cultura, educação e cidadania, instigando nas instituições museológicas abordagens

não fóbicas aos LGBT. Hoje ficamos muito felizes de vermos que LGBT profissionais de museus que antes não se assumiam nem se preocupavam com o tema já começam a ficar constrangidos em viver no armário profissional. A expectativa, de fato, é tirar a museologia brasileira do armário – ou melhor, da reserva técnica”.

Ana Muza, coordenadora local do projeto, acrescenta que “coordenar o projeto está sendo um desafio muito grande, pois contrapõe todas as portas que se fecham quando uma negra, favelada, mãe solteira caça novos ideais e oportunidades. Quando assumo minha vida, minha comunidade e meu reconhecimento como negra, lésbica e empreendedora, me sinto gigante. Por essas e outras, o seminário trouxe orgulho para a comunidade LGBT do morro”.

Para o professor de museologia da Universidade Federal de Goiás (UFG) e coordenador do Grupo de Pesquisas Comusas, Jean Baptista, “o projeto e o seminário são experiências que fortalecerão o ensino de museologia no Brasil, tanto em virtude das exposições experimentais que estão sendo criadas, quanto pela produção intelectual produzida pela



Revista Memória LGBT. O desejo é que a formação de novos museólogos seja mais atenta à diversidade e capaz de superar a matriz heterossexual que hoje domina o pensamento museológico, o ensino de museologia e os museus brasileiros”.

O professor Matias Monteiro, do curso de Bacharelado em Museologia da UNB, que apresentou relato do processo pedagógico de formulação do projeto expográfico da primeira exposição curricular com temática LGBT no Brasil, intitulada Vossa Majestade, a ser realizada em junho próximo, aponta que a inclusão da temática na formação do museólogo perpassa “compreender que a pluralidade de discursos

produzidos no contexto da diversidade de gêneros beneficia a Museologia estruturalmente, ou seja, que os novos modos de expressão e produção de discurso emergentes nas práticas culturais, sociais e políticas deste grupos desafiam a Teoria Museológica, exigem revisitar suas bases epistemológicas e convidam-nos a uma profunda reflexão acerca do próprio fazer museológico e da experiência museal”.

Ao problematizar a abordagem quando o assunto é o programa Pontos de Memória, Wellington Pedro, do Ponto de Memória do Taquaril (Belo Horizonte), acrescenta: “A realização do Seminário Memória, museus e museologia LGBT toca muitos

sentimentos. Primeiramente sobre a importância de se discutir a respeito da temática em tempos de discursos de ódio e principalmente por ser um evento corajoso. Corajoso no sentido de trazer a discussão em um campo que responsável por trabalhar com a memória acaba por silenciá-la, principalmente sobre as questões LGBT. Importante por apresentar os desafios para os museus que querem atuar para uma sociedade sustentável e que precisam perceber que a sustentabilidade se dará ao conhecer as necessidades do seu entorno e os diversos ecos das várias vozes sociais. O evento fortalece a caminhada da Rede LGBT, da Revista Memória LGBT e do Grupo de Pesquisas Comusas, mas vai além. Chega aos morros e comunidades periféricas, dando visibilidade aos sujeitos que tem esses espaços como território de pertencimento. A realização em parceria com um ponto de memória vem agregar mais ainda ao evento, pois realmente mostra a atuação desses espaços de memória que buscam dar visibilidade aos sujeitos que vivem nas comunidades que atuam. Sai do evento querendo mais.

Mais amor, por favor”.

A segunda edição do evento, a ser realizada em aproximadamente um ano, será divulgada pela Revista Memória LGBT, assim como os artigos resultantes das atividades, em suas edições seguintes.

Integrantes e atividades

Além do Museu de Favela, outras iniciativas em memória e museologia social compuseram as atividades, entre elas os Pontos de Memória do Taquaril, Museu Sankofa da Rocinha e o Acervo Bajubá. O Instituto Brasileiro de Museus também esteve presente, bem como integrantes dos museus Itaipu e Histórico Nacional. Professores das universidades federais de Brasília e de Goiás engrossa-



ram o time de palestrantes. Moradores do PPG, membros da Associação de Moradores, bem como do movimento social LBGT do RJ, deixaram importantes contribuições. Tratou-se, de fato, da reunião de diversos membros da Rede LGBT de Memória e Museologia Social do Brasil, tanto acadêmicos quanto comunitários.

A abertura do evento ficou a cargo do sócio-fundador do MUF Sidney Tartaruga (MUF), de Tony Boita (Revista Memória LGBT/Rede LGBT/Comusas) e Ana Muza (Revista Memória LGBT/Rede LGBT), idealizadores e organizadores do evento. A conferência de abertura foi de João Nery, seguida do lançamento de seu livro “Viagem solitária”. Após, realizaram-se as palestras de André Botelho (Instituto Brasileiro de Museus – Ibram), Wellington Pedro da Silva (Ponto de Memória do Taquaril/ Rede LGBT/Comusas), Jean Baptista (Universidade Federal de Goiás/ Rede LGBT/Comusas), Matias Monteiro (Universidade de Brasília/ Rede LGBT/Comusas), Rita Colaço (História Mhb-Mlgbt) e Felipe Arede (Acervo Bajubá/ Rede LGBT). Já o segundo

dia do evento contou com a abertura de Antônia Ferreira Soares, presidente do MUF, seguida das falas de Inês Golveia (Rede de Memória e Museologia Social do RJ), Mirela Araújo (Museu Itaipu/ Ibram), Aline Montenegro (Museu Histórico Nacional), Fernanda Faustino (Associação de Moradores do PPG), Marco Aurelio Almeida Soares (Coordenação Políticas LGBT de Campo Grande), Fernando Ermiro (Museu Sankofa), Leila Regina (Ponto de Memória do Taquaril/ Rede LGBT), Cíntia Marzano (Grife Mona), Julio Nogueira (Grupo Arco-Íris) e Remom Bortolozzi (Acervo Bajubá/ Rede LGBT). Os integrantes do projeto, Tony Boita, Ana Muza, João Victor, Jonathan Martins, Luana Araújo, Tainara Santos, Jaqueline Alves encerraram o evento.

O evento angariou 40 quilos de alimentos em suas inscrições que foram doados ao Solar Menino de Luz, organização que cedeu sua sede para a realização das atividades.

Ocorreu, ainda, vacinação contra a gripe promovida pela Clínica da Família, também presente no evento, e a mini-feira do livro LGBT promovida pela editora Metanoia.

**Envie sua história
Conte suas memórias
Denuncie a discriminação**

Envie também depoimentos,
contos, relatos, fotos e o que
mais quiser

Envie sua contribuição até o dia
10 de julho

revista@memorialgibt.com

REVISTA MEMÓRIA LGBT